

Poder, moral e dinheiro: A CPI da Última Hora na imprensa e nas memórias

Power, morale and money: The CPI of the Última Hora in the press and in the memoirs



ROSALINO, Antonio Robson de Freitas *

 <https://orcid.org/0000-0002-1510-4326>

BRAGA, Raiomara Lopes **

 <https://orcid.org/0009-0001-4304-6194>

RESUMO: Este artigo pretende problematizar a Comissão Parlamentar de Inquérito da *Última Hora* como um momento de crise da República. A investigação feita no Congresso Nacional acerca do financiamento do *Última Hora*, jornal aliado de Getúlio Vargas e dirigido por Samuel Wainer, com dinheiro de bancos públicos, teve grandes repercussões no noticiário de 1953 e envolveu três tópicos principais: poder, dinheiro e moralidade. Desse modo, este trabalho analisará como estes três pontos supracitados se articulam para criar um tensionamento de forças em torno da CPI. Será utilizado neste trabalho o jornal *Tribuna da Imprensa*, periódico fundado por Carlos Lacerda, um dos principais inimigos de Wainer e Vargas; caricaturas desenhadas por Hilde Weber e uma breve análise sobre a CPI nas autobiografias de Carlos Lacerda e Samuel Wainer. Como metodologia, utilizaremos os procedimentos de pesquisa em periódicos propostos por Tânia Regina de Luca (Luca, 2010) e a metodologia de interpretação de imagens descrita na obra de Vinícius Liebel (Liebel, 2017).

ABSTRACT: This paper aims to problematize the Parliamentary Commission of Inquiry of Última Hora as a moment of crisis in the Republic. The investigation in the National Congress about the financing of Última Hora, a newspaper allied to Getúlio Vargas and headed by Samuel Wainer with money from public banks had major repercussions on the news of 1953 and involved three main topics: power, money and morality. This paper will analyze how these three points mentioned above are articulated to create a tension of forces around the CPI. This paper will use as reference the newspaper *Tribuna da Imprensa*, a periodical founded by Carlos Lacerda, one of the main enemies of Wainer and Vargas; caricatures drawn by Hilde Weber and a brief analysis of the CPI in the autobiographies of Carlos Lacerda and Samuel Wainer. The methodology will use the procedures of research in periodicals proposed by Tânia Regina de Luca (Luca, 2010) and the image interpretation methodology described in the work of Vinícius Liebel (Liebel, 2017).

PALAVRAS-CHAVE: CPI; Poder; Imprensa;

KEYWORDS: CPI; Power; Press;

Recebido em: 20/07/2023

Aprovado em: 17/10/2023

* Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, Mestrando em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Bolsista CAPES. E-mail: antoniorobsondefreitas@gmail.com

** Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, Mestranda em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Bolsista CAPES. E-mail: raiomaralopes@gmail.com



História da imprensa: Tribuna da Imprensa e Última Hora

Os dois principais envolvidos na crise da República de 1953, a “CPI da Última Hora”, Carlos Lacerda e Samuel Wainer, fundadores dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*, respectivamente, começaram quase ao mesmo tempo que os partidos políticos, a envolver-se ainda no ano de 1949, na sucessão presidencial e nos debates sobre a corrida eleitoral que se aproximavam, Wainer com a bombástica entrevista com Getúlio Vargas e Lacerda com a fundação de seu jornal, veículo que serviu em 1950, como porta-voz de suas ideias e da União Democrática Nacional, a UDN.

Sobre a entrevista de Vargas feita por Wainer: em 1949, quando ainda era jornalista dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, ele conversou com Vargas, sendo esse diálogo o responsável pelo reaparecimento do político perante ao público depois dos longos anos de regime autoritário e de seu “autoexílio” em São Borja (Costa, 2014) após ter sido empossado senador por seu estado natal. Assim, começou a aproximação entre os dois (Capelato, 1988), a qual viria a ter como principal fruto, o jornal *Última Hora*.

Do lado oposto ao do jornalista Samuel Wainer temos o também jornalista Carlos Lacerda. Foi durante o contexto de preparação para a sucessão presidencial, mais precisamente nos dias finais de 1949, que o *Tribuna da Imprensa* começou a circular na então capital do Brasil. Esse jornal foi fundado por Lacerda após a sua saída do jornal *Correio da Manhã*, onde atuava como colunista. O periódico traz em seu título o nome de sua ex-coluna, “Na Tribuna da Imprensa.” Para o seu surgimento, o *Tribuna* contou com o apoio e a mobilização de políticos udenistas, de intelectuais católicos conservadores, de grupos liberais ligados ao capital externo e da burguesia industrial (Delgado, 2006a), o que explica o alinhamento político do periódico a favor da UDN, além do fato de Lacerda ser filiado ao partido desde 1945 (Delgado, 2006b). O *Tribuna*, desde a sua origem, se mostrou oposição a Getúlio e, conforme os laços entre o ex-presidente e Wainer foram se estreitando, o jornal também se colocou como oposição ao antigo colega de Lacerda.

A eleição presidencial de 1950 foi disputada por Getúlio Vargas, Cristiano Machado, João Mangabeira e Eduardo Gomes, sendo que os partidos políticos e lideranças políticas desta época estavam discutindo o problema da sucessão presidencial desde 1949, levando em conta o fim do governo Dutra e o começo de um novo governo na democracia que havia surgido após 1945. Desse modo, alianças e acordos políticos foram construídos visando unir forças para enfrentar um cenário incerto diante do resultado que poderia surgir na apuração dos votos (D’Araújo, 1992, p. 42-84). No geral,

com a redemocratização, a grande imprensa começou a publicar em suas páginas declarações contra Getúlio Vargas e, nas eleições de 1950, assim como fizera nas eleições de 1945, apoiou o brigadeiro Eduardo Gomes, candidato à presidência pela UDN. No ano de 1950, Getúlio Vargas foi eleito como presidente do Brasil ao obter a cifra de 3 milhões de votos (D'Araújo, 1992, p. 84).

O retorno de Getúlio Vargas ao cargo de Presidente da República, oficialmente a partir de 31 de janeiro de 1951, incomodou diversos adversários, principalmente os da UDN, tendo em vista que logo após a divulgação do resultado final da disputa eleitoral, uma de suas principais figuras dentro deste partido, Carlos Lacerda, afirmava que a obtenção de um total de 48,7 por cento do total de votos era incapaz de dar uma vitória para Getúlio, entretanto tal argumento não tinha uma legítima sustentação constitucional (Skidmore, 2010, p. 136). De acordo com o ideário udenista propagado, a reeleição de Vargas era um claro indício que a democracia que foi restaurada não estava funcionando corretamente.

Vargas ganhou a eleição sem contar com o apoio da grande imprensa brasileira (Capelato, 1988, p. 51), como já foi mencionado. Segundo Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman, os principais órgãos de comunicação do Brasil, principalmente os do eixo Rio-São Paulo, se colocaram contra a candidatura de Vargas e, após a vitória do gaúcho, contra o seu governo (Abreu; Lattman-Weltman, 1994). Como não tinha apoio da grande imprensa brasileira da época e sabia da importância desta para a manutenção do poder, Vargas após a sua vitória, decidiu investir na criação de um jornal que fosse, entre os jornais antigetulistas, defensor e divulgador de sua imagem e de seu governo.

Consciente da necessidade de ter uma base de sustentação no meio jornalístico, o Presidente eleito procurou Samuel Wainer, com quem articulou a criação do jornal *Última Hora* em 1951. A partir dessa época travou-se intensa peleja entre esse órgão getulista e os porta-vozes da UDN (União Democrática Nacional) – *O Estado de S. Paulo* e *Tribuna da Imprensa*, principalmente (Capelato, 1988, p. 51).

Segundo Maria Celina D'Araújo, o segundo governo Vargas é marcado por uma crise causada por uma série de fatores: não havia uma concordância e confiança entre as elites sobre as políticas e os propósitos do governo de respeitar as instituições e a ordem constitucional; o governo não se amparava nos partidos para obter consenso político; o esforço de construção de alianças com os partidos de oposição desgastou a base de apoio mais próxima; o poder de interdição da UDN; e, por fim, a defesa da política de desenvolvimento econômico e social nacionalista é feita principalmente por

determinadas instituições criadas especialmente para este fim e não por meio de uma anuência partidária (D'Araújo, 1992, p. 39-40). Todavia, este tipo de entendimento sobre o segundo governo Vargas pode ser problematizado, porque “[...] revela-se o resíduo do pensamento autoritário brasileiro, que vê apenas no consenso a condição para soluções legítimas, e que considera a imprevisibilidade como sinônimo de caos” (Costa, 2016, p. 45).

De modo geral, o governo Vargas foi marcado por uma crise econômica e por uma crise política que se entrelaçam desde o seu começo (Leopoldi, 1994, p. 197). Além destes problemas que impactaram o segundo mandato de Vargas, é possível pensar que os problemas enfrentados durante este governo podem ser caracterizados como uma crise da República. Desde a eleição de Vargas em 1950 até o seu suicídio em 1954, é possível constatar que o segundo governo Vargas foi perpassado por uma disputa de construção de um projeto de República, seja pelos nacionais-estatistas ou pelos liberais-conservadores. Mesmo que a CPI da *Última Hora* não tenha sido uma situação limite como as crises da República de 1954, 1955 e 1961, que foram analisadas por Jorge Ferreira (Ferreira, 2003, p.338), cabe ressaltar que este evento também é um momento de crise na qual o papel do governo com as empresas de comunicação é questionado, abalando e tensionando ainda mais as escaramuças em torno da construção democrática de uma República recém-instaurada.

A operação de financiamento do *Última Hora* foi feita com o auxílio do Walter Moreira Salles, Euvaldo Lodi e Ricardo Jafet, homens detentores de grande poder monetário que proporcionaram facilidades para a concretização daquele periódico (Wainer, 1993, p. 129-130). Para Ana Maria de Abreu Laurenza, essa operação de financiamento do *Última Hora* não se diferenciava de outras já realizadas na formação de novos grupos editoriais desde a República Velha. Mas, esse financiamento junto ao Banco do Brasil para o lançamento do *Última Hora*, acabou levando à instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito da CPI, em 1953 (Laurenza, 2008). A CPI foi instaurada em junho de 1953 e teve o seu relatório final publicado em 18 de novembro do mesmo ano. Com relação ao financiamento público do Estado com a imprensa, é possível afirmar que a estratégia de Lacerda e de outros donos de jornais ao acusarem Wainer de estar se beneficiando de maneira ilícita dos empréstimos obtidos do Banco do Brasil, por meio de intermediários passa por um viés seletivo de um discurso, porque conforme Laurenza, os débitos que Samuel Wainer possuía com os bancos eram muito menores se comparados com as dívidas de grandes empresários que atuavam no mesmo ramo que o dele (Laurenza, 1998, p. 66). Assis Chateaubriand era um dos principais devedores e, antes da década de 1950, ele contou com o apoio de Getúlio Vargas para intermediar um

empréstimo para fundar *O Cruzeiro*, a mais conhecida revista semanal brasileira durante a primeira metade do século XX (Morais, 1994, p. 178). Tendo como base as discussões suscitadas por John B. Thompson, Matheus Vitorino Machado, enfatizando que o escândalo político visa deslegitimar algo, ou seja, a emergência do escândalo tem o propósito de ser "[...] instrumentalizado como forma de deprimir legitimidade de atores políticos inseridos no campo" (Machado, 2018, p. 306). Portanto, as acusações que foram feitas contra Wainer a respeito de sua proximidade com figuras de renome da esfera política e de ter obtido empréstimos por meio de favores passa por uma seletividade de moralidade.

Segundo Delgado, os ataques de Lacerda à Wainer ocorreram além do *Tribuna*, sendo realizados também por meio da rádio Globo e da TV Tupi, meios de comunicação pertencentes a Roberto Marinho e a Assis Chateaubriand, respectivamente (Delgado, 2006a). Além da já mencionada oposição dessas mídias a Getúlio, oposição essa que se intensificou durante o seu novo governo, culminando inclusive no seu suicídio, devemos ressaltar que, o que realmente preocupava Marinho e Chatô, a ponto de se unirem a Lacerda nessa série de ataques à Wainer e a seu jornal, não pode ser resumido apenas em seu antigetulismo: o *Última Hora*, embora novo no mercado, conseguia se colocar no páreo e concorrer diretamente com os jornais dos dois empresários (Delgado, 2006a), algo que o *Tribuna*, ao que sabemos, não chegava nem perto¹ (Abreu; Lattman-Weltman, 1994). Além da rádio e da TV, a investigação de Wainer passou a ser noticiada diariamente nos jornais, sendo entre eles destaque a cobertura realizada pelo *Tribuna da Imprensa*, que colocou ainda mais lenha na fogueira quando publicou a verdadeira nacionalidade do jornalista: “Wainer não é brasileiro” (*Tribuna da Imprensa*, 1953, p. 1-2)

CPI da Última Hora: escândalo e moralidade

Logo após o fim do Estado Novo em 1945, o campo político brasileiro ficou dividido entre nacionalistas e “entreguistas.” Enquanto os adeptos do ideário nacional-desenvolvimentista acreditavam que somente com uma forte industrialização nacional auxiliada pela intervenção do Estado poderia garantir um maior bem-estar social, os mais próximos de um espectro liberal acreditavam que o melhor seria aproveitar o potencial econômico através do setor privado, seja ele nacional ou internacional, sem qualquer

¹ De acordo com a pesquisadora Karla Monteiro, o *Última Hora* foi responsável por uma mudança estética e editorial dentro do meio jornalístico do Rio de Janeiro dos anos 1950. Sua popularidade estava ligada à cobertura política, esportiva e do cotidiano, tendo como sua marca principal a partilha dos ideais trabalhista e nacional-desenvolvimentista. Além disso, os seus concursos e brindes aguçavam o interesse dos leitores em adquirir e ler este periódico. Ao fim do seu primeiro ano de circulação, o jornal já passava de 100 mil exemplares em uma tiragem (MONTEIRO, 2020, p. 179-209).

tipo de interdição oriunda do Estado. Desse modo, os embates na esfera política do período da experiência democrática (1945-1964) envolvem a discussão socioeconômica, qual o tipo de projeto de sociedade seria mais adequado para se aderir. De acordo com Jorge Ferreira, os grupos estavam dispostos da seguinte maneira:

De um lado, as esquerdas, compostas por trabalhistas, comunistas, socialistas, sindicalistas, estudantes e facções do Exército, com o projeto nacional-estatista, cujo programa, em termos gerais, baseava-se na soberania nacional, no desenvolvimento econômico e na justiça social; de outro, os liberais-conservadores de direita, como udenistas, políticos tradicionais, empresários, latifundiários, meios de comunicação e facções da Aeronáutica, Marinha e Exército, defendendo restrições ao direito do movimento sindical, o liberalismo econômico, a abertura do país ao capital estrangeiro e o alinhamento incondicional aos Estados Unidos (Ferreira, 2005, p. 14).

Nessa perspectiva, Wainer, que se aproximou de Getúlio a ponto de não ser mais visto por ele como um simples repórter, mas, como o próprio Wainer veio a admitir, tinha chegado à posição de “quase um conselheiro” e até mesmo de um “emissário” (Barbosa, 2007, p. 169), foi incentivado pelo presidente eleito em 1950 a criar um jornal que se opusesse à “conspiração do silêncio” que a grande imprensa lhe impusera, especialmente durante a recente campanha eleitoral. Para tanto, fundou duas empresas: uma gráfica, a *Érica*, e a *Editora Última Hora*, ambas atreladas ao novo jornal em circulação.

Para viabilizar a primeira, consegue recursos com o banqueiro Walter Moreira Salles, com Ricardo Jafet, presidente do Banco do Brasil, e com Euvaldo Lodi, empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria. Obteve ainda um empréstimo de 26 milhões junto ao Banco do Brasil, que, além disso, absorveu a dívida da empresa com a Caixa Econômica Federal. Para viabilizar a *Editora Última Hora* consegue recursos do Banco Hipotecário de Crédito Real, através da intermediação de Juscelino Kubitschek, então governador de Minas (Barbosa, 2007, p. 170)

No que concerne às suspeitas levantadas em torno de Samuel Wainer e de seu próprio jornal, é possível apontar que a polêmica gira em torno de um campo que envolve três fatores: poder, em razão de sua especificidade política diante de uma imprensa que está entrelaçada com outras afinidades ideológicas; moralidade, tanto em razão do apontamento de que o processo de financiamento do *Última Hora* se desenrolou através de um ilegítimo favorecimento em decorrência dos laços que Samuel Wainer constituiu com os que estavam próximos dele, e do crime cometido por ele, quer ser um estrangeiro dono de um jornal; e, por fim, dinheiro porque o poder monetário dos proprietários de um veículo de comunicação desta época implicava em

limitações e no aumento do alcance da publicação, desse modo angariando um público leitor mais amplo.

Ao destoar do que era propagado hegemonicamente de seus adversários, a questão do nacionalismo adquire relevância por meio da acusação de que Samuel Wainer estaria impossibilitado de ser o proprietário de uma empresa no ramo da comunicação em razão de sua origem estrangeira. No dia 15 de julho de 1953, o *Tribuna da Imprensa* estampa em sua primeira página a referência ao artigo nº 160 da Constituição Brasileira de 1946, que impossibilitaria a existência legal do *Última Hora* (*Tribuna da Imprensa*, 1953, p. 1).

Além disso, no segundo governo Vargas houve um grande debate promovido por jornais acerca do que seria uma esfera pública. A emergência deste questionamento realiza uma mistura de dois pontos supracitados: o controle da imprensa pelo Estado e a questão dos projetos de nação que estavam em discussão naquele momento (Carvalho, 2012). Portanto, o enquadramento dos jornais e de seus proprietários em um campo repleto de interesses torna evidente uma disputa pelo poder que envolve qual caminho seria melhor a ser trilhado para um melhor desenvolvimento do Brasil. Além disso, a acusação de Wainer implica uma certa seletividade, porque a grande imprensa do Rio de Janeiro recebeu volumosas contribuições para difundir publicidade de empresas estrangeiras durante a primeira metade da década de 1950 (Monteiro, 2020, p. 234).

A pauta moral que defendia Lacerda era muito próxima de um ideário udenista que atravessou todo o segundo governo Vargas, tendo como um de seus principais pilares, “as denúncias constantes de corrupção administrativa, a caça “aos escândalos” (o moralismo udenista surge como a marca “ideológica” do partido)” (Benevides, 1981, p. 84). Um exemplo disto fica evidente no modo como o *Tribuna da Imprensa* faz questão de publicar, no mês de julho de 1953, o apoio de seus leitores à campanha de “moralização da imprensa. Sempre enfatizando que se trata de um “escândalo”, o *Tribuna* coloca em relevo a “comovedora demonstração de solidariedade à campanha que iniciamos contra o esbanjamento dos dinheiros públicos na orgia da ‘Última Hora’” (*Tribuna da Imprensa*, 1953, p. 2). Tendo como arma preferida a defesa de uma moralização, Lacerda aproveitou suas investidas contra Wainer para também atacar Nelson Rodrigues², em decorrência de suas produções textuais serem bastante distantes dos padrões morais udenistas de classe média, reprovando as histórias com “adultério”,

² Nelson Rodrigues ganhou bastante notoriedade em sua coluna no *Última Hora* denominada de “A vida como ela é...”, que estreou em 16 de novembro de 1952. As histórias de situações cotidianas, crimes e histórias escandalosas abordadas pela linguagem literária de Nelson Rodrigues, que ultrapassava a mera descrição de acontecimentos, ajudou na popularidade do periódico de Wainer e foi extremamente importante na construção do renome do autor destas narrativas (Monteiro, 2020 p. 199-200).

“homicídios”, “embriaguez alucinatória”, “necrofilia”, “instigação ao suicídio”, “prostituição”, “apologia ao aborto”, entre outros tópicos sensíveis que não deveriam ser expostos (O Preto ..., 1953, p. 16).

Carlos Lacerda não retrocedeu na sua oposição a Vargas, mesmo após a vitória do ex-presidente. Durante o novo governo de Vargas, o *Tribuna da Imprensa* seguiu com uma oposição agressiva contra o ex-ditador, enquanto Wainer, com o seu *Última Hora*, defendia os interesses do governo.

Ademais, devemos ressaltar que essa relação de desafeto entre Wainer e Lacerda, oposição que ganhou a mídia na década de 1950, especialmente durante a CPI de 1953, quando a inimizade entre os dois foi escancarada para o país nas manchetes de jornais e até mesmo na televisão, nem sempre foi assim, sendo marcada em seu início por uma certa proximidade entre os dois. Os jornalistas já chegaram a morar sob o mesmo teto durante a década de 1940, período em que ambos trabalhavam nos *Diários Associados*. Foi durante esse período de proximidade que Wainer confessou a Lacerda que não havia nascido no Brasil. Essa revelação da origem de Wainer acabou ganhando as páginas da imprensa, sendo este um fato que foi usado contra ele durante a CPI. No caso, Wainer era proveniente da Bessarábia, atual Romênia, e emigrou para o Brasil com a sua família quando ainda era criança. De origem judaica e natural do Leste Europeu, na época zona sob influência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS, a oposição, ao usar esse fato, buscava nutrir um sentimento de antissemitismo contra Wainer, além de associá-lo à espionagem ou ao comunismo. Além do desafeto pessoal que Lacerda nutria contra Wainer, como já foi dito, esses ataques se inseriram no contexto de anseio da concorrência em se livrar do *Última Hora*, que era um sucesso editorial, além da busca da oposição em fragilizar a base de apoio do presidente da República (Laurenza, 2008, p. 192-194).

Na edição de 18-19 de julho de 1953, o *Tribuna* tratou de apresentar para os seus leitores, com direito a um mapa desenhado, a procedência de Wainer. Segundo o jornal, Edineti era a cidade onde Samuel Wainer nasceu, que seria, segundo o jornal, um lugarejo sem importância, onde os seus habitantes, em sua maioria judeus e romenos, dedicavam-se à agricultura, cultivando especialmente o girassol (*Tribuna da Imprensa*, 1953, p. 2). Nesse viés, o jornal brinca com essa informação sobre a economia local, dizendo que a mesma é sugestiva das posições políticas de Samuel ou até de suas atividades jornalísticas, pois, como o jornal nos leva a interpretar, ele mudava constantemente de posicionamento, assim como um girassol.

Além disso, jornal ainda complementa que “[...] até 1º de dezembro de 1918, a Bessarábia era província da Rússia czarista, tendo TODOS os cidadãos essa

nacionalidade” (*Tribuna da Imprensa*, 1953, p. 2, grifo do autor), levando Wainer, durante os anos de Guerra Fria, a ser associado pela população brasileira como alguém ligado à URSS. Segundo Karla Monteiro, jornalista e biógrafa de Wainer, nesse período a imprensa passou a chamá-lo de “russo branco”, já que nenhum leitor fazia ideia de onde ficava a Bessarábia e porque qualquer associação com a Rússia gerava pânico (Monteiro, 2020, p. 240). Eram tempos delicados e a imprensa sabia usar isso ao seu favor.

A notícia sobre a verdadeira nacionalidade de Samuel Wainer é chamada por Hélio Silva de “a mais avassaladora bomba de retardamento” (Silva, 2007, p. 220). Nas páginas do *Tribuna*, o caso de falsificação de documentos ganhou destaque, estampando a primeira página de várias edições do periódico. De acordo com o *Tribuna*, aos dezesseis anos Wainer se aproveitou das facilidades que os cartórios do Brasil ofereciam e se registrou como brasileiro, aumentando inclusive sua idade em dois anos (Silva, 2007). O *Última Hora* até chegou a refutar as publicações oposicionistas, publicando a cópia das listas de passageiros do navio Canárias, listas essas que comprovariam a chegada no Brasil de Dora e Jaime Wainer, pais de Samuel em 1905, documentos esses que posteriormente foram comprovados como adulterados (Monteiro, 2020). A caricatura abaixo trata justamente dessa falsificação.

Imagem 1: O maior escritor da Terra.



Fonte: *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 1087, 22 de julho de 1953, p. 4.

Intitulada “O Maior Escritor da Terra”, a caricatura assinada por Hilde Weber, na época caricaturista principal do *Tribuna*, traz uma representação de Samuel Wainer. Na cena, ele aparece com uma expressão concentrada, enquanto que, com uma caneta bico de pena, escreve na parte inferior de uma folha aparentemente desgastada pelo tempo e identificada como sendo a lista de passageiros do Canárias. Wainer assinar “papai e mamãe” nessa lista representa o envolvimento dele na então descoberta falsificação da lista, falsificação essa que acrescentou os nomes dos pais dele, forjando assim a data de chegada da família no Brasil. A representação de Wainer é facilmente identificada por trazer importantes características físicas do jornalista, essas características marcantes como as suas sobrancelhas grossas e as orelhas de abano. Karla Monteiro, em sua biografia sobre Wainer, chega a descrever essas características: “Um tipo esquisito — com avantajadas sobrancelhas, sombreando o rosto encovado, além das orelhas de abano —, mas terrivelmente charmoso” (Monteiro, 2020, p. 43).

O exagero de características do retratado com objetivos de ressaltar defeitos, suscitando risos e ironia, seria a característica principal desse tipo de desenho (Melo, 2003). Porém, além de apenas exagerar traços físicos com a finalidade de caricaturar o retratado, ressaltar o formato da cabeça, a orelha de abano e principalmente o tamanho do nariz, formas de identificar um personagem como sendo judeu (Liebel, 2010). Segundo Liebel, esse tipo de representação do judeu não é uma invenção nazista, remontando à Idade Média, mas que se expandiu com a imprensa e foi utilizada em charges antissemitas como elemento tanto de identificação quanto de estigma (Liebel, 2010). O nariz grande também pode significar que o seu portador é um mentiroso. Assim, tal caricatura além de colocar Samuel como mentiroso e falsificador, também o identifica como judeu.

É possível afirmar que Hilde o identificou como judeu, pois nas páginas do jornal a etnia e a religião de Wainer eram abordadas, e as charges, nesse contexto, também representavam uma extensão daquilo que o jornal vinha publicando. Nas páginas do *Tribuna*, Lacerda chegou a publicar as transcrições de algumas perguntas que foram feitas a ele durante sua fala de três horas consecutivas – como ele fez questão de ressaltar – na *TV Tupi*. Em uma das perguntas dos telespectadores, fica evidente que o jornal costumava colocar Wainer como judeu, e que esse fato não era passado como despercebido pelos leitores do jornal. Essa pergunta, além de nos mostrar que a etnia dele era abordada no jornal, também nos apresenta uma negativa de Lacerda sobre um possível antissemitismo partindo dele e de seu jornal.

P. – Parece ter havido em seu jornal uma referência sobre o fato de Wainer ser judeu. É contra os judeus?

R. – Nada há, nem haverá partindo de mim, que incrimine Wainer pelo fato de ser judeu. Nada há de racista ou de antiracista em minha campanha. Os trampolinos existem entre os cristãos ou judeus, maometanos ou budistas. Para mim, Wainer não é um judeu. É, simplesmente, um estrangeiro, que não pode dirigir jornais, porque assim o proíbe a Constituição. É apenas um trapaceiro vulgar, cúmplice na mais extraordinária empreitada de assalto aos dinheiros públicos jamais realizada no Brasil (*Tribuna da Imprensa*, 1953, p. 3).

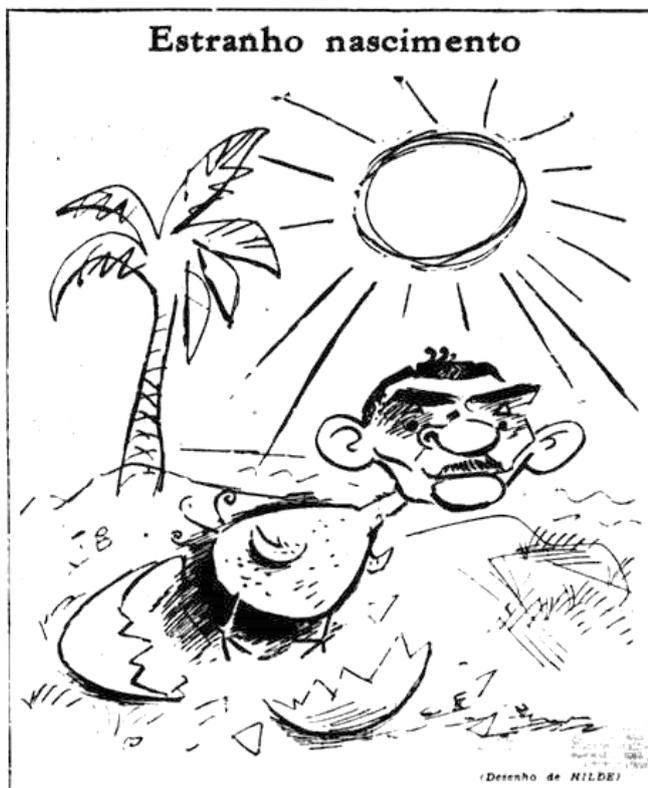
É também enfatizado nesse trecho, o apelo à moralidade do público da *TV Tupi*. Lacerda, pontua que o seu posicionamento está ligado apenas com a Constituição ou seja, em investigar se de fato há legalidade na atividade desempenhada por Samuel como diretor de um periódico em solo brasileiro; e com o povo, pois sua luta também se dá contra o esquema de corrupção feita com dinheiro público no qual Wainer está envolto.

Nesse viés analítico, a trajetória de Samuel Wainer envolve paradoxos entre os aspectos da etnicidade, de sua identidade e da nacionalidade. Ao mesmo tempo que ele é condicionado por múltiplos pertencimentos que envolvem seu local de nascimento, sua religião, seu ofício como jornalista, seus posicionamentos políticos e sua experiência de vida em solo brasileiro, ele fez escolhas que podem apontar um desejo de ser assimilado e de pertencer ao Brasil.³

Em outra caricatura de Wainer, a origem do jornalista também é abordada. Em meio a matérias sobre a falsa nacionalidade brasileira de Wainer, foi publicada no editorial do *Tribuna*, a caricatura intitulada “Estranho nascimento”, também assinada por Hilde Weber. Na imagem, ele está representado como uma ave recém-nascida, que nasceu em um lugar tropical, com uma palmeira e sol intenso no plano de fundo do desenho, o que nos leva a acreditar que o local retratado no desenho seja o Brasil. O ovo, que é um símbolo de nascimento, foi chocado mesmo sem a presença dos genitores, e de dentro dele veio ao mundo uma criatura com características antropozoomórficas, sendo ela metade ave e metade homem, que identificamos como sendo uma representação de Samuel Wainer graças às principais características físicas do jornalista, características essas mencionadas anteriormente e que estão acentuadas na caricatura.

³ De acordo com Joëlle Rochou: “[...] as dificuldades de inserção do imigrante no universo social brasileiro num período em que este se acha marcado pelos rompantes nacionalistas de uma elite sempre “ameaçada” por novos atores sociais – Samuel abraça a causa nacionalista como uma das formas de afirmação de sua identidade” (Rochou, 2006, p. 348). Além disso, havia também “as possíveis estratégias de construção da subjetividade de imigrantes judeus no Brasil, procurando compatibilizar sua condição judaica com as exigências assimilacionistas do Estado e da sociedade brasileira” (Rochou, 2006, p. 348).

Imagem 2: Estranho nascimento.



Fonte: *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 1082, 16 de julho de 1953, pag. 4.

A caricatura acima é uma metáfora sobre a origem de Wainer, havendo nela, mais do que na primeira imagem, uma maior aproximação com o grotesco: em busca de provocar uma estranheza no leitor, além do riso, do espanto e da repulsa, ela exagera as características físicas do retratado e coloca Wainer como sendo uma figura metade homem e metade ave, sendo que a forma de ave foi escolhida, no contexto da imagem, por simbolizar o nascimento sem a presença dos genitores, escolha essa que faz referência às notícias sobre o incerto lugar de origem do retratado.

Além disso, na primeira página da mesma edição na qual a presente caricatura foi publicada, o *Tribuna* destaca uma confusão de informações sobre a nacionalidade de Wainer: “O pai entrou no Brasil em 1920, a mãe em 1915 – As declarações dos pais de Samuel Wainer perante o governo[sic] brasileiro tornam irremediável a situação do filho, que se diz nascido no Estado de São Paulo (em que cidade, Samuel?) em 1912” (*Tribuna da Imprensa*, 1953. p. 1). Dessa forma, ao colocar Wainer como alguém que nasceu de um ovo e sem a presença dos pais, a caricatura ironiza as várias versões sobre o nascimento: se Wainer de fato nasceu no Brasil em 1912, como isso teria se dado se seus pais só aportaram no país anos depois?

Nesse contexto, como a função da caricatura é a de provocar o riso, exagerando as principais características do retratado, ridicularizando-o, o seu uso no jornal é reservado às críticas, enquanto que outros espaços do jornal, como a primeira página, principalmente, podem trazer tanto críticas quanto elogios. “As melhores são as que, para atingir o efeito cômico desejado, zombam impiedosamente dos personagens [...]. Por isso, [...] as caricaturas políticas são dedicadas aos adversários, raramente aos líderes admirados” (Motta, 2006, p. 20-21). Isso explica o motivo de, nesse período da CPI, Wainer aparecer constantemente na caricatura do editorial do *Tribuna*, enquanto Lacerda não aparece nesse espaço “ridicularizador”. Na capa do *Tribuna*, Lacerda chega a divulgar suas aparições na TV Tupi e na rádio Globo e, enquanto se coloca como um representante do combate à corrupção, coloca Wainer como representante dessa corrupção a ser combatida.

A edição de 1º de julho de 1953 enfatiza que a campanha de Lacerda contra o *Última Hora*, tinha apoio de pessoas de todos os recantos do país. Alguns desses apoios, que chegavam ao jornal em forma de mensagens, tiveram trechos publicados e, por meio da divulgação dessas mensagens, percebemos a construção de Lacerda como uma figura moralizadora e, até mesmo, salvadora.

Diante do vosso relato no caso da “Última Hora”, feito através da Rádio Globo, não pude deixar de escrever a presente, hipotecando-vos meu apoio moral. Realmente, precisamos acabar com essa vergonha. Foi hoje o primeiro dia que ouvi o vosso relato, o qual, embora termine tarde, jamais deixará de ser escutado por mim, todos os dias (*Tribuna da Imprensa*, 1953, p. 2).

Esse trecho, que expressa apoio moral de um leitor a Lacerda, coloca o caso do *Última Hora* como uma “vergonheira” a ser combatida e Lacerda como alguém à frente desse combate. Além de publicar as suas críticas ao escândalo envolvendo Samuel Wainer, Lacerda também publicava o apoio recebido, o que ajudava na construção de sua imagem como sendo a “voz da moral”, numa construção de si mesmo como um “Salvador” (Girardet, 1987).

Portanto, o relatório final da CPI concluiu que, depois da realização de dezenas de reuniões e de ouvir diversas testemunhas, que realmente houve um favorecimento financeiro de Wainer para a constituição do *Última Hora*. Apesar de ser desfavorável para Wainer, o documento final não conseguiu apontar laços de envolvimento diretos ou indiretos de Getúlio Vargas dentro das movimentações financeiras que estavam sendo devassadas (*Diário do Congresso Nacional*, 1953, p. 4992-4314).

Usos políticos do passado: memórias de Carlos Lacerda e Samuel Wainer

De acordo com David Lowenthal, o principal caminho pelo qual os seres humanos podem ter acesso ao pretérito é através do ato de rememoração, distinguindo o que seria o passado e o presente através da memória (Lowenthal, 1998, p. 64). Uma fonte histórica que seja composta pela escrita de si não é relevante por afirmar precisamente o que ocorreu, “Mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento” (Gomes, 2004, p. 15). O exame de como esses sujeitos relembram seu passado é um ponto importante para se compreender como eles constroem suas imagens e suas identidades a partir de um relato.

Ademais, apesar de serem reconhecidos na história do jornalismo brasileiro como inimigos, Carlos Lacerda e Samuel Wainer compartilham algumas semelhanças e alguns distanciamentos entre si nas suas respectivas trajetórias. Um dos pontos de semelhança é o fato que Lacerda e Wainer publicaram entrevistas marcantes em momentos de destaque da história do Brasil: enquanto no dia 22 de fevereiro de 1945, Carlos Lacerda fez uma entrevista emblemática com José Américo de Almeida, que é referenciada como um marco na queda do Estado Novo, Wainer publicou em 3 de março de 1949, uma conversa que teve com Getúlio Vargas acerca de um possível retorno ao cargo de presidente da República.

Tanto Wainer quanto Lacerda, em um período próximo de sua morte, publicaram livros sobre suas trajetórias biográficas. O nome dado ao livro de Wainer foi “Minha razão de viver” e o título que ganhou o de Lacerda foi “Depoimento.” Cada um destes livros foi publicado de maneira póstuma, sendo que “Minha razão de viver” veio a público em 1987 e “Depoimento” foi publicado um pouco antes, em 1978, um ano depois do falecimento de Lacerda. De acordo com os prefácios que dispõem cada uma das produções textuais, parentes e amigos encarregaram-se de editar e transformar em livro de memórias autobiográficas o que foi gravado na voz de cada autor, havendo um processo de transcrição dos relatos gravados originalmente em formato de fita e posteriormente redigido no papel (Wainer, 1993, p. 5-12; Lacerda, 1978, p. 11-24)

Nesse viés, no que concerne ao modo como as principais figuras da CPI relembram o que viveram, cada um defende um ponto de vista diferente. Lacerda afirma que sua campanha contra o *Última Hora* foi movida com o auxílio de outros jornais e contando também com o apoio de outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão (Lacerda, 1978, p. 128-129). Desta maneira, Lacerda utilizou-se de um meio tradicional de comunicação, o rádio, e da novidade audiovisual que estava emergindo no

Brasil da década de 1950, a televisão, para alcançar o maior número possível de pessoas e ampliar o alcance de uma polêmica ainda restrita para as páginas dos jornais.

Em *Minha razão de viver*, Wainer enfatiza que seu sonho de construir um grande jornal foi realizado, mas este fato despertou um certo incômodo nos sujeitos que eram os proprietários de jornais com uma popularidade já consolidada. Segundo as reminiscências de Samuel Wainer, a presença do *Última Hora* tornou-se um concorrente incômodo para os grandes barões da imprensa (Wainer, 1993, p. 133-140.) Tal como ele mesmo definiu, a CPI era “uma guerra sem quartel, sem tréguas, sem limites” (Wainer 1993, p. 179). Em suma, a autobiografia de Wainer endossa que a única proeza que ele conseguiu durante a CPI foi mostrar o “verdadeiro rosto” de Lacerda e que o ponto mais doloroso de toda esta história foi a acusação publicada no dia 12 de julho de 1953, em diversos jornais, de que ele não era brasileiro (Wainer, 1993, p.179-183).

Por meio da comparação entre as autobiografias destes dois jornalistas, é possível evidenciar como os dois elaboram usos políticos do passado para legitimar suas recordações. Por um lado, Lacerda dá destaque para a grande utilização do rádio e da televisão em sua empreitada contra o *Última Hora*, enquanto Wainer denuncia a injustiça e expõe a conspiração de seus rivais para liquidar o *Última Hora*. Nas duas narrativas, o relato reveste o passado de uma utilidade política para moldar e construir uma identidade e uma imagem nas trajetórias que estão sendo narradas.

Considerações finais

Levando em consideração o que foi exposto ao longo das páginas anteriores, é possível explicitar a complexa trama que se delineou nas investigações sobre o *Última Hora* em 1953. O envolvimento de políticos, de banqueiros e de jornalistas nesta polêmica implicou na emergência de uma querela narrativa entre os detentores dos meios de comunicação no Rio de Janeiro dos anos 50. De acordo com Michel Foucault, a utilização de um discurso visa atender a determinados fins:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, p. 8-9)

Tanto os textos como as caricaturas publicadas no *Tribuna da Imprensa* são fontes que mesclam dois aspectos essenciais para que a inteligibilidade do passado seja possível: o escrito e o visível. De acordo com Manoel Luiz Salgado Guimarães, a escrita e

a visão coadunam-se “[...] na tarefa de tornar o passado uma evidência, uma certeza e, por isso, objeto passível de um conhecimento” (Guimarães, 2010, p. 35). Além do caráter político e econômico que entrelaçou a queda de braço na CPI, é oportuno ressaltar também que ela foi afetada por sujeitos que vivenciaram uma época de restauração e consolidação de uma nova ordem democrática na República brasileira.

Portanto, consideramos que a CPI da *Última Hora* pode ser caracterizada como uma crise da República em razão de seu desenrolar implicar no questionamento e tensionamento das relações entre o Estado e a imprensa, mobilizando as atenções dos mais diferentes grupos que compuseram o corpo social: sejam nacionais-estatistas ou liberais. Nessa perspectiva, o que esteve no centro do debate ao longo da CPI não foi somente a ilegalidade do favorecimento para obter financiamento com dinheiro de bancos públicos, mas um projeto dos opositores do segundo governo Vargas para se criar um escândalo que minasse o principal meio de comunicação que apoiava Getúlio. Os três principais tópicos de discussão giraram em torno do dinheiro, da moral e de um poder, criando uma trama que minasse aos olhos dos leitores dos jornais a validade e legitimidade do segundo mandato de Vargas e do prestígio de seus aliados.

As formas de textos e imagens que a CPI da *Última Hora* ganhou ao longo de seus desdobramentos na imprensa, mostra como a produção do legível e do visível ganham relevância na emergência de uma polêmica que envolve poder, moralidade e dinheiro. De certo modo, a estruturação desta narrativa histórica lida com o que Michel de Certeau colocou em relevo sobre os efeitos deste tipo de produção discursiva: “[...] Ao pretender relatar o real, ela o fabrica, ela é performática, ela torna crível e faz agir por essa razão. Ao produzir crenças, ela produz praticantes” (Certeau, 2023, p. 53).

Fontes

Diário do Congresso Nacional, nº 222, 18 de nov. de 1953, p. 4992-4314.

O PRETO no Branco: depoimento sobre o jornalismo capão, pag. 16, caderno especial *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, nº1076, 9 de julho de 1953.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1069, 1 jul.1953, p. 2.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1081, 15 jul. 1953, p. 1.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1081, 15 jul. 1953, p. 1 e 2.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1082, 16 jul. 1953. p. 1.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1082, 16 jul. 1953, pag. 4.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1084, 18-19 jul. 1953, p. 2.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1087, 22 jul. 1953, p. 4.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1090, 24-25 jul. 1953, p. 3.

Referências

ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARVALHO, Aloysio Castelo de. *O caso da Última Hora e o cerco da imprensa ao Governo Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Nitpress, Editora da UFF, 2012.

CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

COSTA, Luis Ricardo Araujo da. *Bota o retrato do velho Getúlio outra vez: a campanha presidencial de 1950 na imprensa do Rio de Janeiro*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

COSTA, Luis Ricardo Araujo da. *Bota o retrato do velho Getúlio outra vez: a campanha presidencial de 1950 na imprensa do Rio de Janeiro*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, 2014.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

DELGADO, Márcio de Paiva. Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964). *Locus: Revista de História*, v. 12, n. 2, 2006a.

DELGADO, Márcio de Paiva. *O golpismo democrático: Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964)*. 2006b. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Brasil Republicano vol. 3: o tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Expondo a história: imagens construindo o passado. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS; Francisco Régis Lopes (orgs.). *Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu*. Fortaleza: Instituto Frei Tito Alencar Lima; Expressão Gráfica Editora, 2010.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda X Wainer: o Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo: Editora SENAC: 1998.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O difícil caminho do meio: Estado, burguesia e industrialização no segundo governo Vargas (1951-1954). In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LIEBEL, Vinícius. A análise de charges segundo o método documentário. In: WELLER, Vivian; PFAFF, Nicolle (Org.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação - Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIEBEL, Vinícius. Charges. In: RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). *Possibilidades de pesquisa em História*. São Paulo: Contexto, 2017.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas.2.* ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MACHADO, Matheus Vitorino. Escândalo político e os impactos sobre a democracia: uma revisão bibliográfica. *CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 27, 2018, p. 302-314.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MONTEIRO, Karla. *Samuel Wainer: O homem que estava lá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o Rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ROCHOU, Joëlle. Samuel Wainer: memórias entre jornalismo e política. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. *História e*

imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.

SILVA, Hélio. *1954: um tiro no coração*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Catello (1930-64)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.